



FONTE DOCUMENTAL E ORAL: UM APORTE PARA OS PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Andréia Bispo dos Santos¹
Salim Silva Souza²
Josefa Eliana Souza³

GT12 - História da Educação

RESUMO

O presente artigo é fruto das discussões das obras de Freitas (2006), Azevedo (2009) e Brandão (1999) durante a disciplina de Educação Brasileira do Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Tem como objetivo discutir a contribuição das fontes documentais e orais para os pesquisadores da História da Educação. Tendo como metodologia à bibliográfica, nessa perspectiva utilizo autores como: Le Goff (2003), Sarat e Santos (2010), Bacellar (2010), Alberti (2010), Saviani (2006), Hunt (1992) e Thompson (1998) para fundamentar o estudo, se enquadrando na corrente da História Cultural. Ansiamos que este texto contribua para a reflexão acerca da utilização das fontes documentais e orais nos estudos da temática em enfoque.

Palavras-chave: Fonte Documental. Fonte Oral. Documentação. História da Educação Brasileira.

ABSTRACT

This article is the result of the discussions of the works of Freitas (2006), Azevedo (2009) and Brandão (1999) during the discipline of Brazilian Education of the Master in Education by the Federal University of Sergipe. It aims to discuss the contribution of documentary and oral sources to researchers in the History of Education. In this perspective I use authors like Le Goff (2003), Sarat and Santos (2010), Bacellar (2010), Alberti (2010), Saviani (2006), Hunt (1992) and Thompson (1998) to base the study, if framed in the current of Cultural History. We hope that this text will contribute to the reflection on the use of documentary and oral sources in the studies of thematic in focus.

Key-words: Documentary source. Oral source. Documentation. History of Brazilian Education.

- 1 Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Sobre História do Ensino Superior – GREPHES/CNPq; Especialista em Docência do Ensino Superior com ênfase em Educação a Distância, pela Faculdade Jardins; Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe; Professora da Rede Estadual de Educação de Sergipe. E-mail: andreiaabsma@hotmail.com
- 2 Mestrando em Educação, pela Universidade Federal de Sergipe. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Sobre História do Ensino Superior – GREPHES/CNPq; Especialista em Gestão da Educação: pedagogia empresarial (Faculdade São Luís de França); Bacharel em Biblioteconomia e Documentação (ICI/UFBA); Coordenador do Repositório Institucional do IFS. E-mail: salmilas@gmail.com
- 3 Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade de São Paulo-PUC/SP, Mestra em Educação pela Universidade Federal de Sergipe/UFS, Licenciada e Bacharela em História/UFS. Professora Associada I do Departamento de Educação da UFS. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre História do Ensino Superior – GREPHES/CNPq. E-mail: elianasergipe@uol.com.br



INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto da leitura de duas Dissertações de Mestrado e uma Tese de Doutorado, utilizadas como material bibliográfico da Disciplina “História da Educação Brasileira”, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, na oportunidade o fato dessas pesquisadoras se utilizarem das fontes documentais e orais com maior finco, nos chamou atenção e resolvemos desenvolver este estudo para melhor compreender essa utilização para a escrita dos respectivos textos. Os textos consultados foram “Vestida de Azul e Branco - Um estudo sobre as representações de ex-normalistas (1920-1950), de autoria de Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas, “Grupo escolares em Sergipe (1911-1950) – Cultura escolar, civilização e escolarização da infância”, escrito por Crislane Barbosa de Azevedo por fim o texto de Zaia Brandão intitulado “A intelligentsia educacional: Um percurso com Paschoal Lemme - por entre as memórias e as histórias da Escola Nova no Brasil”. Ambos os estudos foram frutos de pesquisa documental e oral.

O objetivo deste artigo é discutir a contribuição das fontes documentais e orais para os pesquisadores da História da Educação. E a metodologia é de cunho bibliográfico.

No desenvolvimento do artigo teremos as seguintes subdivisões: Fonte Documental e Fonte Oral, nesses tópicos abordaremos os conceitos de fonte documental e oral a partir das leituras de autores que estudam a temática em questão. Por fim, será tecida algumas considerações acerca do conteúdo exposto.

FONTE DOCUMENTAL

Abordamos neste ponto, a utilização da fonte documental como aporte da escrita de trabalhos Historiográficos da Educação Brasileira. A respeito disso, Azevedo destaca em sua obra a relevância das fontes para a escrita da sua tese, a mesma tem como objetivo “compreender as representações e apropriações sobre a educação e modernidade presentes na administração de Graccho Cardoso e seus feitos sobre a instrução primária, enfatizando os grupos escolares”, Azevedo (2009). À luz dessa informação, ela descreve que:

[...] questão que merece destaque é relacionada á existência das fontes. Os arquivos das instituições de Aracaju, com exceção do antigo Grupo Escolar Manoel Luís, não trazem mais nada que lembre os idos da Primeira



República. Este estudo busca recuperar as fontes ainda existentes sobre as instituições. Há uma descontinuidade temporal dos testemunhos justamente em decorrência da perda de parte do documentário. Justifica-se, logo, o esforço da pesquisa para reverter a lacuna na memória educacional de Sergipe. Faz-se necessário a busca dos documentos nos próprios acervos dos antigos grupos do interior do estado (AZEVEDO, 2009, p.21-22).

Em consonância com o pensamento da autora, Le Goff, vai nos apresentar o conceito de documento, nos apropriamos desse conceito, para melhor compreensão da citação, ele versa que:

O termo latino *documentarum*, deriva de *docece* 'ensinar', evoluiu para o significado de 'prova' e é amplamente usado no vocabulário legislativo. É no século XVII que se difunde, na linguagem jurídica francesa, a expressão *titres et documents* e o sentido moderno de testemunho histórico data apenas do início do século XIX. O significado de "papel justificativo", especialmente no domínio policial, na língua italiana, por exemplo, demonstra a origem e a evolução do termo. O documento que, para a escola histórica positivista do fim do século XIX e do início do século XX, será o fundamento do fato histórico, ainda que resulte da escolha, de uma decisão do historiador, parece apresentar-se por si mesmo como prova histórica (LE GOFF, 2003, p. 536).

Assim, como a autora Azevedo discorre da relevância do documento para sua pesquisa, o historiador Le Goff, relata que o documento comprova um fato acontecido, porém precisamos questionar a fonte documental, pois a mesma é carregada de significados, nesse sentido, é primordial entender o processo de análise dos documentos como memória de uma fonte que transmite um fato que ocorreu no passado. Enquanto, pesquisador, temos que ter a clareza que nenhum documento é neutro, todos têm sua especificidade, mais uma vez, temos que elucidar a relevância de entender o texto do documento no contexto da época em que foi escrito.

Le Goff ressalta que os documentos ao longo de sua trajetória sofrem alterações, interrupções, acréscimos e decréscimos, que propiciam uma possível alteração do seu discurso original. Acerca disso ele afirma que:

O documento não é inócuo. É antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, das sociedades que produzem, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, é o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz deve ser em primeiro lugar analisado desmitificando-lhe o seu significado



aparente. O documento é um monumento. Resultado do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro-voluntário ou involuntariamente determinada imagem de si próprio (LE GOFF, 2003, p.548).

Já Freitas, além de utilizar-se das fontes orais, também recorreu as fontes documentais para fundamentar sua pesquisa histórica. A mesma se utilizou de “documentos oficiais, mensagens presidenciais, governamentais e relatórios” Freitas (2006, p. 248). O estudo em questão, tem como objetivo analisar as representações de ex-normalistas do Instituto de Educação Rui Barbosa, acerca da formação profissional e do processo de ingresso no exercício do magistério. Para dar conta desse objetivo, ela necessitou das fontes documentais e orais para escrever sua dissertação, com provas cabais dos acontecidos da época que ela pretendeu estudar.

À vista disso, o ofício do historiador é árduo, necessita de um olhar e leitura cuidadosa acerca dos documentos, pois estes são primordiais para suas respectivas escritas, as autoras abordadas se utilizam de documentos para fundamentar seus estudos, sem eles, muita das vezes a pesquisa se torna inviável, cabendo aos pesquisadores da História partirem para outro tipo de fonte, ou seja, a oral. Sem ambas as fontes, muitos trabalhos seriam impossibilitados de ser escritos. Para compreender , trazemos uma citação de Bacellar, aonde ele ressalta que:

Ao iniciar a pesquisar documental, já dissemos que é preciso conhecer a fundo, ou pelo menos da melhor forma possível, a história daquela peça documental foi redigido? Com que propósito? Por quem? Essas perguntas são básicas e primárias na pesquisa documental, mas surpreende que muitos ainda deixem de lado tais preocupações. Contextualizar o documento que se coleta é fundamental para o ofício do historiador! (BACELLAR, 2010, p. 63).

O autor reforça em seus escritos a importância do documento e como é preciso aprimorar o conhecimento acerca dele. Em consonância com o autor, trazemos à lume o pensamento de autoria de Lynn Hunt, acerca do valor do documento e suas intenções, ele escreve que:

[...] Tampouco devem esquecer-se de que os textos com os quais trabalham afetam o leitor de formas variadas e individuais . Os documentos que descrevem ações simbólicas do passado não são textos inocentes e transparentes; foram escritos por autores com diferentes intenções e estratégias, e os historiadores da cultura devem criar suas próprias estratégias para lê-los. (HUNT, 1992, p.18).



Por fim, trazemos a citação do Saviani, o mesmo redige que:

Considerando-se que as fontes são o ponto de origem, a base e o ponto de apoio para a produção historiográfica que nos permite atingir o conhecimento da história da educação brasileira, releva de importância o desenvolvimento de uma preocupação intencional e coletiva com a geração, manutenção, organização, disponibilização e preservação das múltiplas formas de fontes da história da educação brasileira (SAVIANI, 2006, p. 33).

No tocante ao assunto, ele elucida que a fonte é um suporte para a produção historiográfica, sendo ela documental ou oral, mais uma vez, trazemos à lume os trabalhos das autoras, Azevedo, Freitas e Brandão, pois os três estudos se apoiaram nas fontes para produzir conhecimentos distintos, cada uma com sua temática, porém entrelaçadas com as fontes documentais e orais.

FONTE ORAL

A História Oral permite o registro de testemunhos e o acesso a “histórias dentro da história” e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado (ALBERTI, 2010, p. 156).

Iniciamos com uma citação que muito nos diz à respeito da importância dos testemunhos para compreender o passado, partindo do pressuposto, que os pesquisadores se utilizará dessas informações para confrontar os documentos oficiais. A História Oral é compreendida como:

A História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduo que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente (ALBERTI, 2010, p. 156).

Neste tópico, elucidamos como a fonte oral está presente na arquitetura dos trabalhos de Zaia Brandão e de Anamaria Bueno de Freitas, ambas as obras são frutos da Dissertação de Mestrado. Além de ressaltar a pertinência da utilização desta fonte para a escrita dos trabalhos da história da educação. Acerca do exposto os autores Sarat e Santos deixam em relevo que:

Diante do exposto, indicamos que fazer História Oral é interessante, não somente como uma metodologia de investigação que tem um arcabouço teórico substancial e credenciado por pesquisadores, mas também por contar com uma investigação que exige técnica, dedicação e conhecimentos específicos, como qualquer alternativa de escolha que fazemos. Na nossa experiência tem sido importante unir forças para registrar a memória de



indivíduo e instituições, ampliando a discussão em grupos de pesquisa, o acompanhamento de projetos em história da educação, além de permitir a investigação sob as mais diferentes temáticas (SARAT e SANTOS, 2010, p.72).

A autora Brandão, em seu estudo sobre “A Inteligência Educacional - Um Percorso com Paschoal Lemme Por Entre as Memórias e as Histórias da Escola Nova no Brasil”, tem como objetivo registrar a contribuição de Paschoal Lemme, a partir das memórias e as histórias da Escola Nova no Brasil, nesse sentido ela referêcia que:

Ao trabalhar as memórias na perspectiva da construção do objeto de investigação, o trabalho historiográfico tende a assumir um caminho menos seguro do “sentido correto” por entre as memórias/histórias. O ofício do historiador obriga-o a uma infundável reconstrução de sentidos, que deve explorar, ou pelo menos supor, os múltiplos significados vividos pelos autores históricos, singulares e coletivos, em diferentes cenários de interfaces da vida social (BRANDÃO, 1999, p.8).

Nessa citação fica evidenciada a importância das memórias para a reconstrução do passado, é através delas que a autora pôde traçar um panorama de informações acerca do Paschoal Lemme.

À luz desse pensamento, podemos discorrer que a análise das memórias individuais ou coletivas são alguns dos recursos que os historiadores utilizam para escrever a história. Nesse sentido, Brandão escreve seu estudo a partir dessas memórias. Ainda sobre as entrevistas realizadas por ela, destaca a que foi realizada com Paschoal Lemme, nesse tocante, ela transcreve abaixo a entrevista que teve com o mesmo, onde ela disserta que:

[...] o testemunho é, ao mesmo tempo, uma existência pessoal ligada intimamente às grandes correntes da história é um momento da história apreendido em sua relação com a existência particular. [...] o testemunho na não é o relato indiferente de um observador que enumera ou de um cientista que desmonta, mas uma comunicação, um esforço apaixonado para transmitir aos outros que contribuem para a história a sua própria emoção [...] (BRANDÃO, 1999, p.10).

Ela se utilizou de relatos de Paschoal Lemme para “explorar as suas memórias, como testemunho do movimento educacional daquela época” Brandão (1999). Já, Freitas, deixa claro em seus escritos a relevância da história oral para as pesquisas em ciências humanas. Em consonância a importância da história oral para essas investigações. Freitas, discorre em sua dissertação que:



No Brasil, há uma quantidade significativa de trabalhos que utilizam a História Oral como instrumento de pesquisa e como fonte documental nas ciências humanas. Entretanto, existem ainda dificuldades no sentido de circunscrever, mais precisamente, os liames e particularidades dessa metodologia de trabalho (FREITAS, 2003, p. 15).

Ainda a respeito da história oral e suas possibilidades, Freitas aborda que:

O debate sobre a História Oral possibilita reflexões sobre o registro dos fatos na voz dos próprios protagonistas. A História Oral utilizou-se de metodologia própria para a produção de conhecimento. Sua abrangência é interdisciplinar, está relacionada ao seu importante papel na interpretação do imaginário e na análise das representações sociais (FREITAS, 2003, p.15).

A citação deixa evidenciada a relevância da história oral para a reconstrução dos fatos, nesse sentido, Freitas se utilizou da fonte oral para construir seu trabalho sobre as ex-normalistas. Ao longo do seu escrito encontramos relatos sobre elas, a autora transcreve de maneira que o leitor adentre naquele universo contado por ela, no decorrer do seu estudo.

Entre as entrevistas realizadas por Freitas, destacamos a de Lina, pois ela reforça em sua fala a importância da Escola Normal para a sua formação.

“Ah! Eu me realizei! Apesar destas coisas todas me sinto vaidosa de ter sido professora, de ser formada... e os meus conhecimentos pouco, mas quando surge qualquer coisa na televisão, eu já estou me lembrando... negócio assim de história, geografia de países... eu me recordo, não sabe!? Certas coisas assim eu me recordo!” (BRANDÃO, 2006, p.46 apud LINA, 1993).

Trazemos esta passagem do trabalho de Freitas, para elucidar a importância das fontes orais para os escritos da história da educação brasileira. E, para termos essa fonte, necessitamos da memória do indivíduo que transmitirá os fatos necessários para a pesquisa. O historiador Le Goff, nos apresenta o conceito de memória, acerca disso, ele discorre que:

O conceito de memória é crucial. Embora o presente ensaio seja exclusivamente dedicado à memória tal como ela surge nas ciências humanas (fundamentalmente na história e na antropologia), e se ocupe mais da memória coletiva que das memórias individuais, é importante descrever sumariamente a nebulosa memória no campo científico global.

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (LE GOFF, 2003, p.423).



O historiador esclarece que a memória é o ato de conservar informações e que os homens, ou seja, os pesquisadores ou não, utilizam-se dessas informações para representar o passado. Nesse tocante a memória é o elemento fundamental para investigar de forma minuciosa os acontecidos de um determinado grupo ou indivíduo.

O uso das fontes orais ao longo dos anos recebeu algumas críticas, quanto a sua veracidade, ou seja, até que ponto os relatos são verdadeiros, e qual a sua intencionalidade, entre outras críticas. A respeito da veracidade do depoimento oral, autores como Thompson (1998) se posicionaram repetidamente dizendo “que a utilização de entrevistas como fonte por historiadores vem de muito longe e é perfeitamente compatível com os padrões acadêmicos”.

À luz desse pensamento, as entrevistas utilizadas pelas autoras; Freitas e Brandão para construir seus respectivos textos, têm legitimidade. Portanto, a fonte oral vem se tornando subsídio para a escrita da História da Educação Brasileira, assim como a fonte documental, ambas são essenciais para reconstrução dos fatos sucedidos em determinadas épocas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfatizamos que as fontes documentais e orais vem cada vez sendo mais utilizadas para a escrita da História da Educação Brasileira. Outra discussão trazida no texto, diz respeito ao pesquisador precisar ser questionador, pois as fontes são carregadas de significados, uma vez que são criadas por homens em determinadas épocas, precisamos olhar para o passado sem cometer anacronismo, mas precisamos questionar, não tomar tudo como verdade absoluta. Cabe destacar que tais fontes serviram de apoio para a construção das dissertações e tese das autoras Freitas, Brandão e Azevedo.

A fonte documental é produzida através de documentos e por sua vez a fonte oral é proveniente de relatos de um indivíduo ou de um grupo para reescrever os fatos do passado.

Contudo, finalizamos este texto, com o desejo que essa discussão possa auxiliar na reflexão do pesquisador acerca da contribuição das fontes, sendo documental ou oral.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, C. B. de. **Grupos escolares em Sergipe (1911-1930)**. Cultura escolar,



civilização e escolarização da infância. Natal: EDUFRN, 2009.

ALBERTI, V. História dentro da História. In: PINSKY, C.B (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo. Ed. Contexto, 2010.

BACELLAR, C. Fontes documentais. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, C.B (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2010.

BRANDÃO, Z. **A Intelligentsia um percurso com Paschoal Lemme - por entre as memórias e as histórias da Escola Nova no Brasil**. Bragança Paulista : IFAN-CDAPH/ Editora da Universidade São Francisco – EDUSF, 1999.

FREITAS, A.G.B. de. **“Vestida de azul e branco”**: um estudo sobre as representações de ex-normalistas (1920-1950). São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisa em História da Educação - NPGED, 2003.

HUNT, L. **A Nova História Cultural**; Tradução Jefferson Luiz Camargo. - São Paulo. Editora Martins Fontes, 1992. (O Homem e a História).

SAVIANI, D. Breves considerações sobre fontes para a História da Educação . **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.especial, p. 28-35, ago.2006.

LE GOFF, J. **História e Memória**. 5. ed. Campinas- São Paulo: UNICAMP, 2003.

SARAT, M; SANTOS, R. dos. História oral como fonte: Apontamentos metodológicos e técnicos da pesquisa. In: COSTA, C. J; MELO, J. J. P; FABIANO, L. H. (Org.). **Fontes e métodos em história da educação**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2010. 350 p.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998..